

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

Práticas laborais e agenciamentos cotidianos entre mulheres camponesas em Rincão dos Alves (RS)

Autoria: Renata Piecha, Maria Catarina Chitolina Zanin

A presente proposta parte de uma etnografia realizada entre os anos de 2018 e 2020 com mulheres camponesas da comunidade de Rincão dos Alves, interior do município de Jaguari, na região central do Rio Grande do Sul. Em um contexto rural cada vez mais modernizado e regido pela lógica do agronegócio, nos últimos 20 anos, a fomicultura se insere em Rincão dos Alves, impondo-se como a atividade produtiva viável e lucrativa nesse dado momento. Essa inserção tem acarretado mudanças nas lógicas produtivas, nas relações sociais e de trabalho, nas normas, costumes e paisagens, exacerbando e precarizando a jornada laboral, minando, assim, a autonomia dessas famílias camponesas. Baseando-se na exploração de sujeitos e corpos subalternos, esse agronegócio volta-se à esfera de trabalho reconhecida como masculina. Porém, privilegiamos nesta proposta, as visões (e ações) das mulheres sobre as suas sociedades, de acordo com a antropóloga palestino-americana Lila Abu Lughod (1990). Partindo disso, apresentamos as "quitandas", isto é, um compilado de produtos, como o queijo "colonial", pães, compotas e outros que advém, exclusivamente, do trabalho dito feminina, sendo "saberes-fazer" resguardados na memória, transmitidas de geração em geração por/entre mulheres, entrelaçando temporalidades, conhecimentos e práticas. Comercializados pela via da informalidade em circuitos curtos pelas agricultoras de Rincão dos Alves, essa produção se estende a vizinhos, parentes, trabalhadores urbanos, mantendo relações de reciprocidade, e à intermediários, que revendem, em seguida, esses produtos nos seus estabelecimentos comerciais urbanos. Esses produtos são consumidos, majoritariamente por cidadãos citadinos, que (re)conhecem a procedência e origem desses produtos e lhes atribuem valor simbólico e econômico, visto que Jaguari, em sua constituição histórica, é fruto do processo de colonização europeia iniciado no Brasil no século XIX. Por sua produção e consumo se relacionarem com as identidades vigentes neste contexto, compreendemos as quitandas camponesas como patrimônios materiais e imateriais. Ademais, mediante esse trabalho, as agricultoras de Rincão dos Alves,

acessam um ganho que lhes proporciona uma melhoria de vida, que tende a se estender ao núcleo familiar, prezando, ainda, pela manutenção dos saberes tradicionais camponeses, atrelado às origens familiares, ao trabalho na terra e à produção de alimentos, representando, ainda, agenciamentos cotidianos que se contrapõem a homogeneizadora lógica do agronegócio.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

